

Narrativa de experiências etnográficas com imagens nas cidades brasileiras

Cornelia Eckert

Introdução: cidade e imagem

“Cidade e imagem” foi o eixo temático que desenvolvi em uma conferência na *Journée Les Maux de Mémoire en Images*, em dezembro de 2012, na Université de Toulouse Le Mirail, França. Também palestrei sobre *Antropologia Urbana no Brasil*, a convite das professoras Dras. Sylvie Chaperon e Sylvie Mouysset; sobre *Antropologia Visual*, na disciplina coordenada pela profa. Ariela Epstein, e sobre *Políticas de Patrimônios em Porto Alegre*, na disciplina coordenada pela profa. Dra. Galia Valtchinova. Esta experiência consistiu em uma “missão de trabalho” sob os auspícios de um projeto de cooperação internacional bilateral Capes-Cofecub, coordenado, no Brasil, pela profa. Dra. Miriam Grossi, da Universidade Federal de Santa Catarina, e pela profa. Dra. Agnès Fine, da Universidade de Toulouse.

Exibindo vídeos etnográficos, ensaios etnofotográficos e etnografias hipertextuais com base em pesquisas etnográficas¹, busquei familiarizar estudantes e colegas franceses sobre nossa experiência acadêmica de atuar em duas linhas de pesquisa – Antropologia Audiovisual e Antropologia Urbana –, a partir de atividades desenvolvidas em núcleos de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em que atuo, Antropologia Social, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1 Toda produção exibida está disponível nas abas Produções e Publicações, no site do Banco de Imagens e Efeitos Visuais: <https://www.ufrgs.br/biev/>.

[VOLTA AO SUMÁRIO]

Apresentei o binômio *Cidade e Imagem* a partir da pesquisa em dois núcleos de estudo, Antropologia Visual (Navisual), que coordeno desde 1994, e no Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev), que coordeno desde 1997, com a colega, profa. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha. Nestes núcleos, desenvolvemos e orientamos inúmeras pesquisas etnográficas inspiradas na criação de narrativas em que a produção imagética é central. No Navisual, desenvolvemos pesquisas etnográficas na cidade (mas também em contextos rurais), com o aprendizado de produção audiovisual. No Biev, nossas pesquisas são dedicadas ao estudo da experiência temporal no cotidiano dos habitantes das sociedades contemporâneas, seja por exercícios etnográficos, seja por pesquisa em acervos e divulgação no sistema web, no formato de etnografias hipertextuais.

Seja no Navisual, seja no Biev, elaboramos os produtos de nossas pesquisas com imagens em vídeos etnográficos, em ensaios etnofotográficos, em gravações etnossonoras, na construção e edição de textos no formato de crônicas, diários, monografias, artigos etc. No projeto Biev, de forma singular, elaboramos um banco de imagens com base em acervos digitais (coleções etnográficas) sobre o mundo urbano porto-alegrense e de outras metrópoles. Em ambos os projetos, os principais conceitos da pesquisa são a memória coletiva, itinerários urbanos e formas de sociabilidade, abordados por exercícios etnográficos, em especial, etnografias de rua, com produção audiovisual na área da Antropologia, em pesquisas em documentos de acervos, na análise da produção artística e do patrimônio construído na cidade.

Na interface dessas duas linhas de pesquisa, partimos do pressuposto de que a etnografia da memória dos habitantes das cidades dá rítmica ao tempo vivido, que é descontínuo. Focar na memória coletiva é tratar da mobilidade das imagens, da ação imaginante (BACHELARD, 2001, p. 1). Não é por menos que temos proposto um estudo etnográfico sobre a memória coletiva narrada pelos cidadãos que faz vibrar as experiências temporais pensadas e vividas, a partir de uma pesquisa com imagens que apelidamos de etnografia da duração (ECKERT; ROCHA, 2014). Estas “identidades

narrativas” (RICOEUR, 1991)² nos são caras quando rearranjadas por nós no ato de elaborar coleções de imagens estruturadas por um campo conceitual, seguindo o método da convergência de Gilbert Durand (1989).

A etnografia da duração investe no conhecimento das múltiplas narrativas sobre o viver na cidade, sejam essas as falas dos entrevistados, sejam os relatos etnográficos dos pesquisadores, a produção de imagens com fotografias, vídeos, sons e textos, sejam ainda imagens de acervos. As imagens (visuais, sonoras, textuais) pesquisadas nestes suportes configuram um campo semântico que dá sentido às manifestações de ordem social e simbólica de interlocutores no cotidiano urbano e orientam as práticas e os saberes que os indivíduos e/ou grupos constroem em suas relações com a cidade.

Relatamos aqui algumas dessas práticas e desses saberes que transmitimos nessa oportunidade de internacionalização de nossas experiências acadêmicas, tecendo as principais influências em nossas pesquisas, relacionando, em especial, nossa formação intelectual na França e no Brasil.

Narrar as cidades etnografadas

Como sugere cada vez mais a análise compreensiva dos fenômenos da memória e do patrimônio etnográfico no mundo contemporâneo, “o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de forma narrativa” (RICOEUR, 1994, p. 15) e em que as ações, as situações e os acontecimentos vividos esboçam rastros e traços da experiência temporal humana. Também nós, ao etnografar na cidade, somos narradores urbanos das experiências de nossas/os interlocutoras/es, com quem interagimos no processo de pesquisa etnográfica. Como etnógrafas, nos dispomos à escuta atenta e ao olhar ético das ações e dramas sociais da vida urbana cotidiana.

2 Indico aqui o capítulo “O si e a identidade narrativa”, em que Paul Ricoeur leva em consideração a dialética da mesmidade e da ipseidade, tanto quanto considera a relação entre teoria da ação e teoria moral, em sua obra *O si-mesmo como um outro* (1991. p. 167-198).

O tempo-espaco da experiência etnográfica em contextos urbanos constitui-se, assim, de atos de múltiplos deslocamentos, seja de aproximação, seja de distanciamento, com atenção aos fluxos de memórias e gestos dos cidadãos. A etnografia negociada e consentida permite a aproximação aos habitantes em seus percursos rotineiros ou a seus “passos perdidos” (DE CERTEAU, 1994), reconhecendo os mapas mentais que traçam e as imagens que constroem para lembrar seus itinerários comuns ou extraordinários. Uma outra dimensão, como o mostra Georges Balandier, implica dar conta das complexidades comunicacionais no mundo contemporâneo, global e internacional. O autor refere-se às sistemáticas transformações tecnológicas que situam a ordem social de forma cada vez mais problemática e mais aberta, uma vez que as referências externas às informações generalizadas e rápidas, transmitidas e apreendidas pelas mídias, têm uma incidência crescente sobre as escolhas fundamentais efetuadas ou submissas pelas nações que invadem a vida cotidiana, orientando as experiências humanas em suas continuidades e descontinuidades (BALANDIER, 1974, p. 293).

Dialogar, fotografar, filmar, gravar nossos interlocutores em situação pública ou privada desvenda os lugares de pertença ou de indiferença, de afeto ou repulsa, em que indivíduos e grupos “jogam o social” (SIMMEL, 1979; 1984; MORAES FILHO, 1990), depositam sua memória nos lugares de convívio (HALBWACHS, 2006) ou revelam os ambientes evitados e discriminados em que se sentem vulneráveis por identificarem limites de redes de pertencimento ou fronteiras de identidades sociais. Os lugares e os tempos narrados por seus habitantes são apreendidos pelo/a etnógrafo/a como experiências de vida a serem penhoradas como atos de configuração de “tempos narrados” e “espaços construídos”, atos em que são tecidos em conjunto “o tempo cósmico e o tempo fenomenológico” (RICOEUR, 2000, p. 159).

Deslocando-se entre múltiplos campos de conhecimento, o/a etnógrafo/a guia-se no atravessamento de diferentes tradições teóricas, atento/a às renovações epistemológicas como orientador de suas pesquisas. Como mediadores de narrativas plurais, os/as etnógrafos/as recorrem

à complexa tarefa de produzir intertextualidades que expressem as permanências e as transformações do viver na paisagem urbana, desvendando os jogos de poder (ou biopoder) e as estruturas de dominação.

Na experiência etnográfica de convívio com nossos/as interlocutores/as, ao narrarmos as cidades, encontramos nossas próprias lembranças, que nos cabem reconhecer e desvendar em meio às lógicas dramáticas dos habitantes em suas rotinas ou ações imponderáveis³, visibilizando os lugares de emergência de suas falas, tanto quanto as tramas da produção acadêmica. Em sequência, organizamos nossas imagens captadas e as escutas gravadas com conceitos abstratos. Como mais um narrador na cidade, descrevemos as lógicas das estruturas citadinas e dos acontecimentos, paradoxalmente entrelaçando e hierarquizando tempos pensados e vividos, espaços habitados e construídos.

Nesse ato de tradução das lógicas dramáticas operacionalizadas na experiência etnográfica, os “dados” da vida social coletados em nossos diários, entrevistas transcritas, imagens produzidas, são reordenados a partir do campo de conceitos antropológicos, mas apenas para compartilhar, em outra ordem comunicativa (o da interpretação científica), a especificidade de suas identidades narrativas. Estas, agora, são consideradas à luz da nossa reflexão crítica sobre a trajetória da disciplina em suas matrizes e tradições epistemológicas, reatualizadas na contemporaneidade das teorias em ato.

Dessa forma, as produções das pesquisas antropológicas registradas em suportes escritos (diários, relatórios, roteiros etc.), visuais (fotográficos, videográficos), sonoros, além de outros, como desenhos e hipertextos, acabam sendo reconhecidas como depositárias do próprio “encontro etnográfico” do/a antropólogo/a, a partir de suas comunidades interpretativas com os citadinos.

A etnografia dá movimento aos instantes vividos, narrando as transformações da paisagem urbana, dos processos sociais, dos arranjos estéticos, das dinâmicas culturais tecidas nos territórios da interação cotidiana.

3 Seguimos, nessa análise, Sara Pain (2000).

Trata-se de reconhecer o ritmo das experiências vividas, compartilhadas por seus habitantes no fluxo do tempo. Essa atenção, pautada por ritmos, não negligencia as determinações que se colocam como histórico-conjunturais e que desvelam os processos de colonização dos gestos, da domesticação dos pensamentos próprios de conjunturas ditatoriais, bem como de democracias disjuntivas que reproduzem mandonismos locais e valores hierarquizantes, quando não discriminatórios, racistas e desiguais. Roberto Da Matta, em sua análise sobre as singularidades da história cultural brasileira, examina, neste sentido, as tensões entre valores individualistas e valores hierarquizantes próprios de uma sociedade colonizada por paradigmas “estamentais” e sempre tão recorrentes na sociedade brasileira em que, não raro, o cidadão é confrontado com um ritual de prepotência e constrangido com a pergunta “você sabe com quem estás falando?” (DA MATTA, 1985; 1997).

Mas retorno ao esforço da pesquisa com imagens, que operacionaliza, segundo os objetivos de nossos projetos de investigação, a etnografia da duração (ECKERT; ROCHA, 2005), que desvenda a tonalidade temporal em suas modalidades narrativas “de uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros” (RICOEUR, 2007, p. 142), em que aparecem combinados os rastros transculturais e simbólicos dos/das habitantes urbanos.

Contrariando-se “a tese (de inspiração bergsoniana) do Brasil como um país sem memória” (ECKERT; ROCHA, 2005, p. 25) e colocando-a nos termos uma antropologia urbana, trata-se aqui de uma elasticidade temporal das formas por meio das quais o viver urbano se mantém. A trama da experiência vivida de seus habitantes expressa-se sob a feição de um tempo suficientemente regular para assegurar-lhes uma impressão de continuidade.

Ensinamentos clássicos da antropologia urbana

A cidade como objeto e o tema do urbano conheciam, no final do século XIX, as primeiras análises acadêmicas. Neste ambiente, o conceito da dialética irradiou uma clarividência sobre o incógnito mundo do *homo*

oeconomicus e *urbanus*. É a fórmula mágica da síntese (tese/antítese) da transformação e mediação (natureza e cultura) do “terceiro” na inter-relação social, que gera tensão e conflito (sociologia das formas), da contradição e das assimetrias nas trocas sociais e reciprocidades agonísticas, construídos por intelectuais em voga na Europa.

Entre tantos outros pensadores, K. Marx (1980), E. Durkheim (1968), G. Simmel (1979), M. Weber (1979), M. Foucault (1979), N. Elias (1994), L. Dumont (1988), M. Sahlin (2005) e G. Durand (1988) consolidaram, em suas obras, um projeto epistemológico de compreensão da vida social, dinamizada por processos de identificação e diferenciação histórico-socioculturais. O que as teorias produzidas por esses pensadores têm em comum é o esforço de compreender o trajeto antropológico da figura humana (ou o processo civilizatório, como definiria Norbert Elias (1994), seguindo-se ora a determinação das representações objetivas sobre as subjetivas (ou vice-versa), ora a reciprocidade das representações subjetivas e objetivas.

O cenário ocidental que encontramos nesse processo, e que instigou as primeiras investigações científicas (séculos XIX e XX), conhece o desafio de analisar as novas configurações sociais resultantes das inter-relações multiculturais, do fenômeno da imigração e da diáspora no âmbito da formação dos novos Estados-nação. Este é o contexto da “realização do moderno”, plagiando Simmel, em que se ampliam os círculos de poder, como, por um lado (conteúdo), os políticos, os econômicos e os financeiros e, por outro lado (forma), os círculos sociais e culturais. Os estudos contemporâneos sobre o tema das características da vida moderna seguem, em grande parte, os ensinamentos do sociólogo alemão Georg Simmel, que teve forte influência na sociologia do cotidiano na França por adesão à sua teoria da forma social e/ou a teoria do conflito social. Para este autor, importa dar conta das formas de interação social na experiência da vida cotidiana no mundo urbano e descontínuo, atentando para o impacto das formas das organizações ideológicas e públicas sobre a vida em sociedade (SIMMEL, 1979, 1984; MORAES FILHO, 1990).

O campo disciplinar que trata do tema da cidade e de seus grupos sociais, identificados por sociedades complexas, foi pioneiramente analisado pelos intelectuais da escola americana de Chicago, por meio do método da “investigação qualificada”. Denominada de “ecologia humana”, foi inaugurada como uma análise mais microscópica, cultural e socioestrutural sobre a população que se fixava em torno de polos industriais e comerciais. Robert Park, aluno de Georg Simmel, é o principal difusor dessa orientação teórica, voltada para a perspectiva da ação e da interação dos habitantes no cenário citadino. Outra influência teórica nessa conjuntura é a do interacionismo simbólico, delineado por Georg Mead, ao propor uma teoria do *self*, inaugurando um enfoque sobre o ator no desempenho de papéis sociais e sua conduta psicológica. Mas é na forma da preocupação com os estudos de desvio e de construção da identidade do “eu”, do “dramatúrgico” Erving Goffman (1973), ou na forma de teoria da ação social, pela via do sociólogo americano Talcott Parsons, que a teoria da estrutura da ação psíquico-social predominará (RITZER, 1993, p. 64, 125).

Encerramos este breve giro sobre a influência de uma sociologia americana na configuração de uma pesquisa mais sistemática, voltada ao fenômeno urbano, citando, ainda, a obra de Alfred Schutz (1974), que propõe um estudo fenomenológico do mundo social⁴. De seu estudo, o que nos é particularmente caro é a sua teoria da ação no mundo da vida cotidiana e das formas de relações intersubjetivas, por meio das quais podemos compreender o movimento das memórias intrageracionais a partir das relações entre o “eu e ele” e entre o “nós” e “os outros”, em redes mais íntimas, ou em redes impessoais. No reconhecimento desse movimento – de tempos compartilhados nos espaços de convívio urbanos –, podemos identificar as “províncias de significação” que podem configurar experiências coletivas, que expressam negociações e táticas de pessoas e grupos. Uma comunidade

4 Ele parte da filosofia fenomenológica de Edmund Husserl, que havia proposto “uma compreensão interna do ego transcendental” (RITZER, 1993, p. 85).

interpretativa fundamental para que o antropólogo urbano brasileiro Gilberto Velho (1973; 1975; 1980; 1981) propusesse uma linha de pesquisa de grande repercussão nos programas de formação em antropologia no Brasil: a antropologia das sociedades complexas.

Trata-se de uma linha de estudos que absorve este leque de interpretações intelectuais e transnacionais como apropriada para dar conta das contradições próprias às sociedades urbanas e industriais, mergulhadas nos antagonismos do mundo capitalista onde se negociam identificações ou distinções sociais; pessoas se associam ou se evitam em fronteiras simbólicas que revelam valores de pertencimento social diversos, estruturas de emoções culturais distintas, adesões simbólicas situacionais diferenciadas, como ensinaram Pierre Bourdieu (2007), Louis Dumont (1988) e Norbert Elias (1991; 1994). Aqui, associamos os estudos sobre o individualismo e a modernidade em que é central o conceito de *habitus* para desvendar a interiorização de processos de dominação, de coerção, do biopoder do Estado para inserir a filosofia política de Michel Foucault (1979).

De modo mais amplo, na vertente europeia da Sociologia e da Antropologia Social – francesa e/ou britânica –, a influência do funcionalismo e do estruturalismo é inquestionável. No que se refere, mais particularmente, ao fenômeno urbano no âmbito dos estudos britânicos, a chamada Escola de Manchester consolida a análise de organizações e redes sociais que potencializam a compreensão das contradições entre as tendências de interesse político e social, de ordem local e global, privilegiadamente, nas cidades africanas. Dedicam-se, neste sentido, ao estudo do efeito perverso da globalização nos processos de destribalização e nas mobilidades desses grupos nos contextos urbanos. Nessa via de interesse, estudos como os de Richard Fox (1977) redesenham para nós as reflexões sobre essas cidades, nas quais predomina o conflito pela destribalização de grupos tradicionais na coexistência com as classes “modernas” (industriais e financeiras), em que a segregação espacial prepondera e reflete a lógica de Estados emergentes.

Cidade e imagem, a influência francesa

Na França, os ensinamentos de Maurice Halbwachs sobre a cidade são relacionados a seu estudo sobre a memória coletiva e a importância da copresença e dos afetos compartilhados nos lugares em que os grupos sociais vivem e partilham sentidos e identidades, ou “amarram” a memória do grupo.

Essa interface é valorizada por Isaac Joseph e Yves Grafmeyer (L'ÉCOLE DE CHICAGO, 1984), ao inserir seu estudo na versão em francês da coletânea *Escola de Chicago* (que compila textos do livro original *The city*, da Universidade de Chicago, dos anos 20). Conhecemos esses autores em seus seminários sobre *A cidade como desafio e como meio* ao longo de nossos estudos de doutoramento na EHESS, na França (1987-1992).

Era notória a importância desses intelectuais para uma Antropologia Urbana no referido país, abertos à influência de estudos americanos sobre o fenômeno urbano. Também o era na obra de Michel Maffesoli, autor de *La Conquête du présent. Pour une sociologie de la vie quotidienne* (1979), coordenador do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano da Paris V. Este autor segue uma linhagem que privilegia o estudo do pensamento simbólico e das práticas significantes, em que “o símbolo é sempre o produto dos imperativos biopsíquicos pelas intimações do meio” (DURAND, 1988; 1989, p. 30). Nestes termos, o processo de urbanização no mundo contemporâneo, que configura o espaço do viver na cidade, pode ser evocado como uma ambiência que compõe os movimentos de “intimações” do meio cósmico na trajetória humana, pressuposto fundamental para nossos estudos de Antropologia Urbana como o de conceber as subjetividades e sensorialidades na cidade poética de Sansot (1997).

Em nossa formação de pesquisar em contextos urbanos, outra escola importante foi diretamente responsável por nossa orientação de doutoramento na França. Trata-se do *Laboratório de Antropologia Urbana*, coordenado por Jacques Gutwirth (1990) e Colette Pétonnet (1979). Com importante tradição na prática etnográfica em contextos urbanos, sentimo-nos fortemente influenciadas por seus ensinamentos no fazer etnográfico nas

ruas das cidades, a partir de caminhadas de observação flutuante, que concebemos como etnografias nas ruas para produção de imagens (ECKERT; ROCHA, 2003; 2015).

Na Antropologia Visual, o antropólogo e cineasta francês Jean Rouch é representativo de uma estirpe de estudos etnográficos que tem a cidade como cenário e seus habitantes como personagens. Na linha dos documentários franceses dos anos 60 e 70, trata da sociedade contemporânea africana em seus processos de expansão e impactos de domínio colonial, tanto quanto filma, na capital francesa, a saga das imigrações e as contradições do Estado de fraternidade e igualdade.

Os temas rouchianos retratados giram em torno do dinheiro, do amor, da guerra, do racismo, do trabalho de homens e mulheres, dos problemas da habitação, do desemprego e das crises políticas. Os personagens são geralmente pessoas anônimas, comuns e ordinárias; os cenários são as ruas, as casas de comércio, os locais de trabalho, as praças (predominando espaços públicos) de uma Paris cada vez mais cosmopolita, perigosamente pluriétnica e plurirracial.

A escola de Jean Rouch, a da Antropologia Compartilhada, não nasceu apenas na África, mas igualmente nos documentários desenvolvidos na cidade, sobre formas de interação e de reconhecimento da vida cotidiana como o filme de 1961, em parceria com Edgar Morin, *Chronique d'un été*. Na África, particularmente, Rouch é autor de uma vastíssima obra fílmica, em que revela as disjunções em Estados africanos, mostrando, no interior das cidades, como no filme *Moi, un noir*, filmado na Costa do Marfim, em 1959, os processos de dismantelamento das tradições das populações locais, inseridas de forma desigual em territorialidades urbanas. Em outro artigo, abordamos o documentário como uma obra ímpar, que permitiu à audiência europeia, branca e civilizada, refletir sobre os impactos de suas ações em outras culturas, das quais resultaram grandes centros urbano-industriais, “objetos estranhos às territorialidades ali pré-existentis” (ECKERT; ROCHA, 2007, p. 63).

Dentre outros cineastas que nos deixam importante legado nos anos 90, Dominique Cabrera, em *Chronique d'une banlieue ordinaire*, e Jean Arlaud, com *Ici, y'a pas la guerre*, aportam aspectos criativos à condição de se imaginar a cidade e nela fabular, tratando da memória e da duração.

Jean Arlaud, de modo especial, nosso orientador de pós-doutoramento em 2001, na Universidade de Paris VIII, influencia-nos sobremaneira. Em especial, seu filme *Ici, y'a pas la guerre* acompanha a rotina de amigos e conhecidos na Zona Norte de Paris. Capta o relato desta população em um bairro pluriétnico. O documentário é marcado por sucessão de microeventos; seus personagens inscrevem os acontecimentos de Ano Novo em tradições populares. As narrativas dos protagonistas vão sendo tecidas numa malha de trajetórias e histórias de vida, retirando-os do anonimato, dando-lhes a face de cidadãos. O relato de perseguição, intolerância e discriminação contrasta com as imagens de trocas sociais íntimas entre personagens cujas origens diferenciadas se entrelaçam no bairro *Goutte d'Or*, sob a ameaça de um processo de renovação urbana.

Fundamentos da Antropologia Urbana no Brasil

Outra abordagem fundamental tratou da especificidade da Antropologia Brasileira diante das repercussões dos estudos teóricos estrangeiros. Especificamente para o estudo da e na cidade, era o tema da “imigração, urbanização e proletarização” que marcava as preocupações dos antropólogos brasileiros a partir da década de 60. Na academia, enfraqueciam-se, aos poucos, como explicações absolutas sobre o processo histórico brasileiro, os preceitos funcionalistas e culturalistas para dar lugar a reflexões de cunho mais marxista, ou ao Estruturalismo Simbólico francês e ao Interpretativismo americano.

As influências dessas tradições teóricas persistiam nos ensinamentos do fazer etnográfico, da prática de relativização no saber antropológico, sobremaneira na universidade de São Paulo (USP), em que emergiam os estudos antropológicos voltados ao tema urbano. Mas foi na abordagem

estruturalista (materialista-histórica, por um lado; linguístico-simbólica, por outro lado) que os intelectuais que estudam o fenômeno urbano na citada década se apoiaram para a compreensão dos processos de transformação no Brasil, que se urbanizava e se industrializava. Importava dar conta das contradições entre uma sociedade arcaica, com seus valores “estamentais” que declinavam, e um Estado-nação que se consolidava com um projeto de modernização.

Esses enfoques teóricos – apropriados pela disciplina antropológica, que ampliava o espectro temático e analítico já consagrado em seu método etnográfico – experimentam um giro de interesses, voltando-se para o estudo de famílias pobres, de comunidades de bairro e de grupos urbanos. O contexto das grandes metrópoles coloca-se como fenômeno central na interpretação das formas de vida social promovidas pela sociedade brasileira, que consistia no universo investigado por uma geração de intelectuais.

Dos anos 60 e 70, destacamos os estudos de Eunice Durham e de Ruth Cardoso, na Universidade de São Paulo, atentas às “dinâmicas culturais” (DURHAM, 1984; 2004) e aos embates políticos a que estavam submetidos os sujeitos sociais (CARDOSO, 1986).

Importante ressaltar o papel central desempenhado por essas intelectuais, sobretudo na formação das novas gerações de antropólogos/as, incentivando a pesquisa qualitativa junto às populações urbanas e atualizando com eficácia o método etnográfico como estratégico para desvelar as condições de vida de grupos trabalhadores e de seus familiares, entre outros segmentos sociais diversos. O tema do convívio intersubjetivo do pesquisador, no estranhamento ou na familiarização de indivíduos e grupos no contexto urbano brasileiro, ganha destaque em inúmeros estudos e pesquisas. Gilberto Velho, Antonio Arantes, Tereza Caldeira, Alba Zaluar, Carmen Cinira, José G. Magnani (2000), Paula Monteiro, entre tantos outros antropólogos/as, enveredarão por fórmulas teóricas capazes de tratar das diferenças e das desigualdades, da pobreza e da violência que se delineiam nas metrópoles brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, entre outras metrópoles. Por consequência, interpretar a cidade apresenta-se,

então, como um exercício reflexivo de reconhecer o Outro e a si mesmo na transformação urbana profunda, tanto quanto nas regularidades e rotinas de uma vida cotidiana.

Etnografia na cidade

Mariza Peirano (2006, p. 62), em sua obra *A teoria vivida*, reconhece, nos caminhos da Antropologia brasileira, o giro de reflexão intelectual que investe na Etnografia com a alteridade próxima com o estudo de fenômenos familiares aos pesquisadores, sendo essa fórmula de pesquisa também uma afirmação política, uma vez que estranhar o familiar será um desafio colocado ao antropólogo/a urbano em suas pesquisas etnográficas na cidade. O/a antropólogo/a, no encontro intersubjetivo com o *outro*, no cenário de sua própria cidade, desloca-se, em termos teórico-interpretativos, para um campo conceitual crítico. Nos anos de embate ditatorial do Estado brasileiro (final dos anos 60 e anos 70), o conjunto de estudos de Antropologia Urbana no Brasil colocava-se como projetos de resistência aos “anos de chumbo” por seu esforço compreensivo da vida cotidiana dos habitantes nas grandes cidades e pelo comprometimento dos antropólogos com os interlocutores de suas pesquisas.

Importa enfatizar que, nesse campo da Antropologia Urbana, sigo, em parceria com a colega Ana Luiza Carvalho da Rocha, com quem divido a coordenação de projetos de pesquisa⁵ em nossa trajetória acadêmica, com cuidadosa atenção, os ensinamentos de Gilberto Velho (Museu Nacional, UFRJ) e de Ruben Oliven (UFRGS), que concebem a forma como grupos e redes de pessoas dinamizam sociabilidades que revelam estilos de vida, identidades sociais, empreendem posições políticas e distinções econômicas. Esses autores desvendam, para o caso das grandes metrópoles brasileiras, a presença da permanente contradição entre as particularizações de experiências de certos segmentos, categorias, grupos, indivíduos, e a

5 Ver o site do projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais: <https://www.ufrgs.br/biev/>.

universalização de outras experiências que se expressam culturalmente por meio de conjuntos de símbolos homogeneizadores.

Torna-se fundamental o desvendamento das relações de poder e dos constrangimentos latentes no processo da prática etnográfica que se colocam como condição de conhecimento do Outro e de si, no espelhamento dos debates sobre a autoridade etnográfica (CLIFFORD, 1999).

O mote ético de conhecer a si mesmo no Outro e a sua própria sociedade no confronto com as Outras tece os saberes e as práticas da pesquisa antropológica na cidade, marcada por uma interpretação compreensiva, com a complexidade de que era a própria cidade o lugar da transformação a ser compreendida.

É nessa perspectiva que se destaca o artigo escrito por Gilberto Velho no livro *A aventura sociológica*, que teve importante impacto no processo de formação de antropólogos pesquisadores. Em *Observando o familiar*, Velho (1978) reflete sobre o fazer etnográfico em contextos das modernas sociedades urbano-industriais e elabora a ação do estranhamento ao micromundo familiar. O desafio da alteridade próxima nascia de uma experiência sólida de pesquisa. A partir de uma Antropologia no bairro de Copacabana (onde residiu por dezoito anos), Gilberto Velho desenvolve um estudo sobre as camadas médias, tratando de representações e estilos de vida de moradores, propondo uma articulação entre as variáveis estratificação social, residência e ideologia (1989, p. 15). Outro tema de impacto no que denomina de estudo de sociedades complexas é o consumo de drogas. Sua obra *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia* (1975), dá especial atenção, no processo de individualização, aos estigmas e às rupturas nos projetos e estilos de vida (ECKERT, 2010).

Na perspectiva de relacionar a cidade de Porto Alegre como espaço de integração e desterritorialização, de viver na tensão entre valores locais ou globais, Ruben Oliven (1973) trata da mudança econômica e cultural com o estudo de caso em uma vila na periferia. Em sua tese de doutorado (OLIVEN, 1977), a cidade de Porto Alegre é igualmente contexto do processo de mudança rural/urbano. Aborda as distinções e hierarquias sociais que

desvendam situações de classe heterogêneas e como as relações de identificação recortam fronteiras de significação homogeneizantes.

É a diversidade dos arranjos dos grupos sociais urbanos, na relação entre a vida cultural, as representações de identidade social, a situação de classe e as âncoras simbólicas que Ruben Oliven (1980) propõe a linha *Urbanização, sociedade e cultura no Brasil* como norte dos estudos que orienta em contextos urbanos.

O tema da violência, ligado a estratégias de sobrevivência de populações marginais nas cidades, torna-se eixo de análise. Sua abordagem, no campo antropológico, conhece uma importante reflexão relacionada ao processo sócio-histórico e cultural, associado às transformações urbanas no país.

É mister citar, nessa frente, os estudos para uma Sociologia do dilema brasileiro na obra de Roberto Da Matta (1997; 1985) e, na perspectiva da cultura brasileira, o estudo de Ruben Oliven sobre o desvendamento das estratégias de dominação (1982, p. 22-23): estes autores sugerem se tratar de uma análise da violência na cidade em vez de violência urbana, desdramatizando o culturalismo que constrói “uma imagem maniqueísta da sociedade”.

É nesta “comunidade interpretativa” que ancoramos nossa filiação temática. Na trilha desses intelectuais, avançamos com os temas da memória coletiva, da trajetória social e das formas de sociabilidade, concebendo a cidade como um objeto temporal de interpretação no processo de conhecimento apreendido pelo saber e fazer etnográfico. Esta postura delinea uma antropologia contemporânea, envolvida com as imagens narradas da e na cidade e com as práticas concebidas neste contexto complexo (ECKERT; ROCHA, 2013).

O movimento das imagens na memória coletiva

Cabe agora realizar um giro na abordagem do estudo antropológico da e na cidade, noticiando nossa experiência de investigação no contexto urbano, privilegiando a atenção de pesquisa especificamente ao tema da memória

coletiva. Nosso engajamento com a Antropologia Urbana toma a cidade como objeto temporal, o que postula nossa adesão ao estudo do fenômeno da duração nas sociedades complexas (ECKERT; ROCHA, 2005; 2013; 2014; 2015). Esta precipitação é encorajada por uma inquietação bachelardiana (BACHELARD, 1984), a de que somos habitados pelas imagens das cidades que a cultura humana configurou, ou pelas cidades cujas imagens apreendemos como artifícios da imaginação.

Em nossas pesquisas “no” e “do” mundo urbano contemporâneo, enfocamos as problemáticas da memória como fenômeno que preside precisamente a esfera dos estudos sobre a consolidação temporal. Isto é, referimo-nos às condições temporais nas quais um corpo social atinge sua perpetuidade como substância “coletiva”, em meio às descontinuidades dos instantes vividos na ação cotidiana. Seguindo o que postula Gaston Bachelard em suas obras *L'intuition de l'instant* (1932) e *A dialética da duração* (1988), o tempo revela-se hesitação. A ‘dialética da duração’ bachelardiana provoca-nos a postular pela memória como integrante das polêmicas descontinuidade/continuidade e fragmentação/universalização nas grandes metrópoles contemporâneas, em especial nos grandes centros urbanos do Brasil (ECKERT; ROCHA, 2014).

Refletindo sobre a estrutura ondulatória das formas de vida social, cuja regularidade de frequência lhes garante força de existência nas grandes metrópoles contemporâneas, são as narrativas dos habitantes de Porto Alegre/RS que nos têm conduzido a sustentar que, no plano dos jogos da memória, é a matéria do ser social que se movimenta ininterruptamente sem, no entanto, se dispersar no interior do desacordo rítmico que constitui a própria vida (ECKERT; ROCHA, 2005).

Propomos, em nossos projetos, o exercício etnográfico de reconhecimento dos itinerários dos grupos urbanos e de suas formas de sociabilidade. Cada exercício se volta para o esforço de conhecer os habitantes, os grupos, as situações vividas na cidade a partir de recortes temáticos diversos.

Em Porto Alegre, multiplicam-se os temas como a cultura do trânsito, as práticas tradicionais de trabalho como barbeiros, sapateiros,

costureiras, as formas de trocas sociais nas feiras livres – que revelam práticas e saberes –, as formas de sociabilidade e as memórias dos velhos habitués dos jogos de várzea, a vida cotidiana dos moradores de uma comunidade de negros em suas reivindicações por um reconhecimento da quilombola urbana, o medo e os riscos em face da insegurança e do aumento da criminalidade em Porto Alegre que “aterroriza” as camadas médias, os moradores da ilha na periferia da cidade, em suas lógicas de viver a “ilheidade”, os teatros de rua, a vida de artistas nas ruas, o sistema de saúde nos bairros, a vida dos ambulantes e seus embates com a fiscalização, as sonoridades na cidade, a cantoria de uma procissão, os gritos de venda de mercadorias, as casas demolidas pela especulação imobiliária que abrigava memórias familiares, os trabalhadores do porto, das empresas de transporte, dos taxistas, as festas, o carnaval, os movimentos pela cultura, os grupos *punks*, os grafiteiros, os idosos nas praças, os *habitués* da feira do livro, temas, enfim, que revelam as vivências nos microuniversos, as disjunções nas macroestruturas de decisões políticas, nas ações do Estado e da sociedade civil.

Sob a ótica dos estudos de uma Etnografia da Duração, a vida urbana é descrita pelos sujeitos-personagens que narram suas experiências cotidianas nas cidades, superpondo os tempos imaginados a partir de um fragmento vivido.

Entre as inúmeras técnicas que adotamos na pesquisa de campo, a observação participante e a “etnografia de rua” (ECKERT; ROCHA, 2003; 2015) investem na *flanneurie* benjaminiana, comprometida com as formas e alegorias que configuram a cidade. A Etnografia de rua segue a prática antropológica de ver, ouvir e escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988) relatos e descrições sobre a cidade em sua complexidade, mas com a produção de imagens visuais e sonoras.

O sentido de seguir narrando: pela cidade afora

Narrar com imagens (fotográficas, sonoras, videográficas e escritas) é investir em uma inteligibilidade narrativa transgeracional da vida na cidade, dando movimento aos múltiplos deslocamentos de ser e estar no contexto

urbano, entre imagens de pertenças e de reconhecimentos ou imagens de conflitos e de crises, que sempre se colocam como os trânsitos dos habitantes em seus complexos arranjos de configurar a cidade vivida.

A ação imaginativa que reivindicamos como expressão dessa interface da Antropologia Urbana e da Antropologia da Imagem, pela experiência de uma Etnografia da Duração na cidade moderna, pode reconhecer os gestos e as palavras que se alternam nas trajetórias, nas formas de sociabilidade, nos itinerários urbanos, nos projetos de vida, processos de arranjos dos tempos vividos e pensados. Tempo de vida cotidiana no contexto urbano, em suas regularidades e determinações de sistemas culturais predecessores; justamente aí reside um tempo de liberdade, o da memória dos habitantes citadinos que imaginam e criam a vida.

A vida urbana é tão assustadoramente injusta, disjuntiva, disruptiva, conflitiva que muitas outras adjetivações poder-se-iam somar a estas, revelando as formas paradoxais que testemunham as desigualdades sociais, a crise de valores éticos, como tonalizam a criminalidade e a corrupção, a indiferença e a desconfiança.

Os enunciados provindos de etnografias das durações podem contribuir para seguir procurando “em toda parte ocasiões para ritmos” (BACHELARD, 1932) e, assim, investir para que as novas gerações, dos mais diversos segmentos sociais, possam encontrar, na sobreposição temporal com que arranjam suas imagens vividas e pensadas, o que Gaston Bachelard (1988, p. 133) define por repouso temporal ou mesmo uma harmonia feliz de ritmos. Mas esse repouso, diz o mestre, é ativo, pois exige a vibração da memória coletiva que podemos, por nossa responsabilidade no papel de mediadores entre micromundos conceituais, rearranjar em fórmulas narrativas as tantas vozes e gestos da e na cidade.

Seria para nós uma honraria, se esses arranjos narrativos pudessem perturbar a indiferença e acalmar a desconfiança, permitindo-nos sentir fazer parte de uma comunidade interpretativa ética, comprometida com as novas gerações.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. *L'intuition de l'instant*. Paris: Editions Gonthier, 1932.
- _____. *O Ar e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BALANDIER, Georges. *Anthropologiques*. Paris: Essais, 1974.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras Escolhidas)
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CALDEIRA, Tereza P. *A cidade de muros*. São Paulo: EdUSP; Ed. 34, 2003.
- CARDOSO, Ruth. *A aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15, 1998.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: EdUF RJ, 1999.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DA MATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DUMONT, Louis. *O individualismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- _____. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.
- DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- _____. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

DURKHEIM, Émile. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: EdPUF, 1968.

ECKERT, Cornelia. Cidade e Política nas trilhas de uma antropologia da e na cidade no Brasil. In: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias; LESSA, Renato; MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza (Orgs.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Anpocs; Barcarolla; Discurso Editorial; ICH, 2010. p. 155-196.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *Revista Rua*. NDC, UNICAMP, Campinas, v. 9, p. 101-127, 2003.

_____. e _____. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. 2005.

_____. Jean Rouch e os encontros e confrontos da sociedade ocidental com Alteridade/Diferença pelos olhos de um contador de histórias. In: ZANINI, Maria Catarina Chitolina (Org.). Por que 'raça'? Breves reflexões sobre a questão racial no cinema e na antropologia Santa Maria: EdUFSM, 2007. p. 41-87.

_____. Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, p. 105-124, 2009.

_____. *Antropologia da e na cidade*. Porto Alegre, MarcaVisual, 2013.

_____. *Etnografia da duração*. Porto Alegre: Marca Visual, 2014.

_____. *Etnografia de rua*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2015.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

_____. *O processo civilizador*. 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOX, Richard G. *Urban Anthropology. Cities in Their Cultural Settings*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1977.

GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne*. Paris: De Minuit, 1973.

GUTWIRTH, Jacques et al. *Chemins de la ville*. Paris: Editions du Comité des Travaux historiques et scientifiques, 1990.

HALWBACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Félix Alcan, 1925.

L'ÉCOLE DE CHICAGO. *Naissance de l'écologie urbaine*. Paris: Aubier Montaigne, 1984.

MAFFESOLI, Michel. *La Conquête du présent. Pour une sociologie de la vie quotidienne*. Paris: EdPUF, 1979.

MAGNANI, José G.; TORRES, Lilian. *Na metrópole*. São Paulo: EdUSP/Fapesp, 2000.

MARX, Karl. *O Capital*. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MORAES FILHO, Evaristo. *Simmel*. São Paulo: Ática, 1990.

OLIVEN, Ruben G. *Violência e Cultura*. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. *Urbanization and Social Change: a case study of Porto Alegre*. 1977. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – University of London, Londres, 1977.

_____. *A cidade como local de integração sociocultural: a integração dos moradores da vila Farrapos na cidade de Porto Alegre*. 1973. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1973.

_____. *Metabolismo social da cidade*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1974.

_____. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Chame o ladrão: as vítimas da violência no Brasil*. In: BOSCHI, Renato Raul (Org.). *Violência e cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 21-28.

_____. *A Antropologia dos Grupos Urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

PAIN, Sara. *A função da ignorância*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

- PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- PETONNET, Colette. *On est tous dans le brouillard*. Paris: Galilée, 1979.
- RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.
- _____. *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Papirus, 1991.
- _____. *Tempo e Narrativa*. v. I. São Paulo: Papirus, 1994.
- RITZER, Georges. *Teoria sociológica contemporânea*. Madrid: Mcgraw Hill Editorial, 1993.
- SAHLINS, Marshall. *Como pensam os nativos*. São Paulo: EdUSP, 2005.
- SANSOT, Pierre. *Poétique de la ville*. Paris: Klincksieck, 1997.
- SCHUTZ, Alfred. *Estudios sobre teoria social*. Buenos Aires: Garamond, 1974.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.
- SIMMEL, Georg. *Les problèmes de La philosophie de l'histoire*. Paris: EdPUF, 1984.
- VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.
- VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- _____. *Individualismo e Cultura*. Petrópolis: Zahar, 1981.
- _____. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. 1975. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____. *O desafio da cidade*. Novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- _____. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de O. (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978. p. 36-46.
- _____. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

WAGNER, Helmut R. (Org. e Introdução). *Fenomenologia e relações sociais. Textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 68-89.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

----- . *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan; EdUFRJ, 1994.